

## Oswaldo de Camargo: a construção de uma poética NEGRA brasileira

GIOVANNA SOALHEIRO PINHEIRO\*

*Artista?! Loucura! Pode lá isso ser se tu  
vens dessa longínqua região desolada, lá  
do fundo exótico dessa África sugestiva,  
gemente Criação dolorosa e  
sanguinolenta de Satãs rebelados, dessa  
flagelada África grotesca e triste,  
melancólica (...).  
Cruz e Souza – O Emparedado*

*[...] Escrever é uma certa maneira de  
desejar a liberdade [...].  
Jean Paul Sartre*

Investigar a produção de Oswaldo de Camargo é, categoricamente, entranhar-se em um sistema filosófico-poético e em uma narrativa sócio-histórica, que perpassam desde uma assimilação da tradição literária e cultural do mundo do ocidente, até uma mudança na maneira de refletir a literatura, na medida em que a condição de ser afro-descendente aflora com veemência. O escritor é um dos grandes expoentes da poesia negra contemporânea no Brasil, sendo, ao lado de Cuti, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e Mário Jorge Lleschano, um dos fundadores do grupo *Quilombhoje*, que desde 1978, publica anualmente a série *Cadernos Negros*. Dono de uma escrita sublime, tanto nos versos quanto na prosa, Oswaldo de Camargo apresenta-nos uma produção literária vasta e singular. Em uma fase inicial, marcada pela publicação de *Um homem tenta ser anjo*, no ano de 1959, observa-se a influência da tradição cristã ocidental e da assimilação de uma “estética branca”. Em uma etapa posterior, por outro lado, é possível inferir o processo de desassimilação, na qual vemos a expressão de um continente sócio-histórico e cultural fortemente vinculado à história dos negros no Brasil. Seguindo a concepção do crítico norte-americano David Brookshaw, a poética do escritor reflete “uma consciência em formação”, que propõe a ruptura parcial com a tradição européia.

É preciso ressaltar, antes de partimos para uma análise propriamente dita de sua poesia, que a literatura composta por Oswaldo de Camargo dialoga com clássicos do pensamento religioso medieval, tais como, Santo Agostinho, São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila e, ao mesmo tempo, com os filósofos pensadores de uma tradição metafísica, sobretudo, a cristã, fundamentalmente na obra *Um homem tenta ser anjo*, — cujo próprio título já nos remete a uma percepção religiosa da sua poética.

Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Cruz e Souza e Carlos Drummond de Andrade são escritores com os quais o escritor manteve intenso diálogo poético: o existencialismo, a metafísica, o questionamento do dogmatismo vigente, a consciência do abandono e, sobretudo, a “estética branca” que são os pontos mais recorrentes, maiormente, na primeira obra.

***Um homem tenta ser anjo: a bipolaridade na poética de Oswaldo de Camargo***

Para compreender o desenvolvimento de uma escritura negra na obra de Oswaldo de Camargo é de fundamental importância meditar em torno de toda sua construção literária, desde a primeira publicação que, por mais penetrada que esteja nos valores estéticos e culturais do cânone ocidental, já ressoa uma “consciência em formação” e o “dilaceramento do eu entre dois mundos”: o branco e o negro (Bernd, p.57).

É nesse sentido que podemos conceber a composição do escritor. Sua obra, além de pintar as dores mais profundas da alma humana, pendula entre uma percepção filosófica da poesia e uma consciência lacerada e dual que, por meio de uma forte simbologia, conforme atesta David Brookshaw, converge em direção aos poetas Cruz e Souza e Eduardo Oliveira, “no que tange à descrição disfarçada do isolamento do negro no mundo branco”. (1983, p.188). O *leitmotiv* fundamental da obra aqui analisada é a dor e a agonia de um sujeito à margem de seu tempo e de sua sociedade. Sabemos bem que não existem verdades incondicionais, mas também sabemos o quão complexo é causar uma ruptura com as concepções clássicas e ideológicas propaladas em séculos de expansão.

*Um homem tenta ser anjo*, de certa forma, faz um percurso no sentido de romper com os modelos pré-estabelecidos, revelando a árdua tarefa de fundar ou de repensar a arte a partir de um outro ponto de vista, que não seja, essencialmente, o pertencente ao *cânon* literário. Ou melhor, a obra, escrita por um afro-brasileiro, nos revela a influência sofrida pela doutrinação ocidental, mas nos apresenta, notadamente, o desejo de irromper com a cultura clássica para enveredar-se na construção de uma poética engajada com a causa negra, o que será facilmente observado na sua produção posterior.

Sua poesia, com íntima inspiração filosófica, faz com que o pensamento e a emoção nos conduzam a uma reconstrução da humanidade, evidentemente por meio da linguagem poética, que é, antes de tudo, densamente simbólica. A poesia é, na verdade, o “sentimento do mundo” ou a criação subjetiva de uma certa realidade; a filosofia, por sua vez, é a configuração racional do mundo e do homem. Desse modo, por meio da confluência entre as duas formas de perceber o nosso universo, boa parte dos temas do pensamento ocidental são trabalhados na sua poética; bem como o martírio, ainda que veladamente, do homem negro afugentado de sua autêntica genealogia: a morte e a vida, a memória, as tradições metafísicas encontradas no Cristianismo, a apreensão filosófica do tempo, as reminiscências do “ribeirão da infância” e; sobretudo, a aflição de um ser mutilado e despojado da sua condição humana.

A obra em questão deve ser entendida, além disso, enquanto retrato do homem moderno em sua tortura existencial, possuidor da tórrida consciência de um hibridismo, que lhe é negado pela dominação secular do mundo europeu, pautada na noção “de uma cultura superior”.

É possível notar ao mesmo tempo uma obra pós-moderna, uma vez que busca assimilar ou readaptar as várias possibilidades de expressão da arte: ora percebemos o popular, ora o erudito; ora os traços simbolistas, ora marcas do classicismo; ora uma Metafísica, ora um Existencialismo menos corrosivo e, conseqüentemente, a mistura de múltiplos estilos, os quais têm, como finalidade maior, a recomposição de um

mundo interior aniquilado pelo preconceito e pela angustia de existir: Vejamos o poema “Auto-retrato”:

Ver-me assim é ver num campo aberto  
Um cimo verde, um horizonte azul,  
E uma alma em meu vergel interno,  
A qual eu pastoreio e alimento.  
Gosto de olhar a minha revolta alma  
Aqui deste rochedo em que me assento...  
Tenho um riacho também que me tortura,  
Bucólico e terno...  
Às vezes, ao voltar do meu rochedo,  
Após um dia todo de labor,  
Lavo o rosto em sua água e torno-me  
Amável e sonhador...  
A alma que alimento e pastoreio  
Passeia em minha face juvenil  
Nos dias de excursão, paisagens outras,  
Cansada deste píforo que toco  
Aqui neste rochedo em que me assento...  
(*Um homem tenta ser anjo*, 1959, p.21-22)

Trata-se de um poema em que o eu lírico parece ser o próprio ambiente no qual se insere. Nota-se a percepção de um interseccionismo, doutrina construída e observada na obra de Fernando Pessoa, na qual há, *grosso modo*, o cruzamento ou a interseção entre uma paisagem e um estado de alma. A tristeza e a melancolia intrínsecas à alma do eu poético, ou a rememoração dos momentos mais venturosos, são conduzidos para uma observação do meio e, desse modo, a atmosfera torna-se a própria alma do “eu”, ou o “eu” a configuração dessa mesma atmosfera que o envolve. Assim, ao lermos o poema “Auto-retrato”, cujo título já estabelece a condição de pintura da alma do sujeito lírico, podemos atribuir um efeito direto da natureza sobre ele. A extensa simbologia que o poema nos confere, o que pode ser percebido ao longo de toda a escritura do autor negro, é, por assim dizer, o universo reconstruído através da existência no seu dilaceramento: O pastor de uma alma no seu vergel — o pomar-interno; o rochedo em que ele se assenta; o riacho que o tortura, bucólico e terno —, são retratos da condição humana na sua mais profunda consciência e que, ao longo de toda uma vida terrena, observa o mundo como um grande tormento. Além disso, nos versos acima, bem como em toda a poética de Oswald de Camargo, temos o Tempo e o Espaço como conceitos filosóficos que interferem, de forma muito direta, na formação da psicologia do sujeito poético.

O “eu” lírico labora a sua alma revolta e, em toda a extensão do poema, há a sugestão de uma “viagem” ao cerne de si mesmo, talvez na busca pelo encontro com a sua própria essência. Através da memória, que é outra constante na poética de Camargo, nota-se a dupla consciência de uma existência que oscila entre o eu e o outro, ou entre uma tradição e a outra. Ou ainda, o poema poderia aludir simplesmente à vontade de resgatar uma identidade, uma “infância” com seus valores coletivos e individuais, uma vez que a recordação é a evocação de um passado, no qual as pessoas poderiam encontrar a si mesmas, parafraseando Santo Agostinho. Por fim, é importante ressaltar os dois últimos versos: “Tornei-me escadaria de mim mesmo... /Degraus de abatimento! Vou a esmo...”, os quais corroboram a ânsia e o desespero

do sujeito do poema na sua busca incerta, no seu caminho incerto, na sua alma incerta.

Em outro texto, “Quase infantilidade”, no qual o poeta constrói imagens esplêndidas, percebe-se um questionamento metafísico/existencial assaz profundo:

Amanhã serei fumo, pó e cinza,  
Me adianta viver?  
Algo me diz que minha vida vale  
O mistério de alguns anos de agonia,  
Todos os gnomos do país da lenda  
Erguem os braços pra dizer adeus,  
Mas se eu não sinto o amargo da partido  
Então devo viver?

Se olho a parede do meu quarto,  
Só vejo a matéria toda cor,  
E sinto vagamente a surpresa  
De preso ser a vida e não ao sonho...  
Mas se tenho ante os olhos mil paragens  
Com fontes a cantar e aves muitas  
Esvoaçando no meu sonho bom;  
Se tenho na colina meus cordeiros,  
Doçuras para a vida pastoril,  
E posso alimentar minh’alegria  
Com pão amargo e gumes de punhais,  
E rio até do corvo de Edgard  
Se ele vem dizer-me “nunca mais...”;  
Se tenho em minha boca grossa losna  
E outras vezes gozos celestiais,  
E deram-me certeza absoluta  
De ser um dia restos imortais  
Se continuo a vida desse modo,  
Me adianta viver?

(*Um homem tenta ser anjo*, p.37-38)

Observam-se todas as possibilidades de construção de uma poética em conflito com o mundo no qual se insere; o poema acima, juntamente com o *XI*, sintetiza grande parte da produção do escritor. Todos os temas: a vida e a morte; o tempo e a memória; o pecado e a redenção; a angústia existencial e a busca pela transcendência são os fios condutores do diálogo que a obra tece com a tradição da metafísica cristã e seus conceitos de matéria e espírito ou “sombra imaterial”. A imprecisão e a dúvida permeiam, fortemente, esses versos, em que o eu poético não sabe se é a vida ou se é a morte que, de fato, vale a pena. É preciso pontuar que Oswald de Camargo foi seminarista, estudante do Seminário Menor Nossa Senhora da Paz, localizado na cidade de São José do Rio Preto, e que a sua formação cristã influenciou muito a sua produção literária, o que fica evidente na leitura de *Um homem tenta ser anjo*. O poema acima não somente nos remete a uma tradição cristã, mas também põe em confronto os dogmas e preceitos apregoados pelo universalismo cristão: o “eu” afirma a finitude da vida e a transformação do corpo em pó, pois somos somente matéria e,

na realidade, jamais poderemos ter a absoluta certeza da transcendência ou do alcance da essência divina. Ou seja, ainda que o sujeito poético acredite na possibilidade de encontro com Deus e, desse modo, na eternidade da alma, há a interminável dúvida de não conhecer de fato o que é a existência humana.

O temor refere-se à Morte, enquanto fio último da Vida, e não necessariamente ao que vem depois dela, uma vez que não é possível saber se existe algo após. A dúvida lancinante é: somos apenas matéria ou temos algo que vai além do corpo, uma sombra imaterial? O sujeito poético, em um grito incontido, indaga se todos os tormentos valeram a pena; se todas as lutas foram em vão; se a vida é tão insignificante; se a miséria, a injustiça e a maldade são inerentes à humanidade e, assim, devemos aceitá-las, pois muitas vezes não sabemos como combater ou destruir. Há, de fato, esse mundo ideal, que tantos pensadores e poetas difundiram, ou o que existe é unicamente a matéria?

No poema *XIV*, no limiar entre o ser bicho e o ser homem, o poeta nos apresenta a dissolução da matéria e o seu encontro com a essência.

[...] Essa gente não cansa de louvar-me  
porque ando com a vida bem vestida...  
meu anseio de ser além de mim  
é certeza de que tenho um fim,  
onde o encontro do homem se resolve  
e a natura do bicho se dissolve...  
(*Um homem tenta ser anjo*, 1959, p.49-50)

No poema *XI*, a meu ver uma das mais belas composições do autor, assistimos emergir um jogo formidável entre o tempo e a memória, tal como observado na obra lírica de Camões. A tristeza, ou a alegria, herdada de ontem é o espelho de hoje ou de amanhã, que somente terão um fim no extremo oposto da existência, ou seja, através do aniquilamento da matéria e o encontro do espírito com Deus:

Saudade de sonhar com coisas de ontem,  
Porque ontem sonhei com as de hoje,  
E hoje me conturbo sem arrimo:  
Tristeza, o meu sonho não me entende...

Pudesse olvidar e nunca mais  
voltar a contemplar as lembranças...  
ou ao menos, ao menos pressentisse  
que seria isso, nada mais,  
e voltasse, Senhor, as minhas faces  
para o lado contrario da existência...

(*Um homem tenta ser anjo*, 1959, p. 43-44)

Ao analisarmos o título da obra, *Um homem tenta ser anjo*, (grifo meu) já é possível inferir a influência da tradição católica nos versos do autor, mas há uma tentativa e não, necessariamente, o alcance, como nos diz no verso: “continuo na fúria de ser anjo”. Continuar na fúria de ser anjo implica, inicialmente, em assimilar uma tradição marcada por um pensamento canônico, mas também em tentar ser anjo negro. Oswaldo de Camargo, de fato, na primeira obra, construiu uma poética

contrária a uma concepção de literatura negra engajada, no entanto, como será observado nos versos abaixo, viu-se mutilado e, ao mesmo tempo, consciente da sua cor negra:

Ai da tristeza de meu corpo, ai,  
O pássaro conhece a manhã,  
E sabe que é branca a manhã,  
mas não ousa enterrar-se de novo  
na noite...

Eu, no entanto, permaneço ao lado  
Da manhã e das cantigas...  
A noite, a grande noite está pousada em mim  
Escandalosamente!

(*Quinze poemas negros*, p. 56)

Como já foi pontuado, a poética Oswaldo é permeada por metáforas, que simbolizam o seu estado de espírito moldado pela angústia existencial. No excerto acima, as metáforas “o pássaro”, “a manhã” e “a noite”, representam, indubitavelmente, uma consciência em formação, mas que ainda não consegue desvencilhar-se dos preceitos e valores do mundo ocidental. Manhã e noite equivalem à tradição herdada da civilização ocidental e à tradição africana, respectivamente; ou ainda, ao mundo branco e ao mundo negro. O pássaro, que tem a profunda liberdade para alçar vôo em direção a qualquer lugar da terra, a partir da formação de um pensamento, sobretudo antitético nos versos finais, faz a sua escolha e voa sem direção: ora branco, ora negro. Conforme atesta Zilá Bernd:

A poesia de Oswaldo de Camargo reflete a crise do poeta que toma consciência do seu *hibridismo* cultural: de um lado, suas raízes africanas e os elementos culturais ligados a esta ancestralidade pulsam dentro dele, lembrando-lhe sua origem; de outro, o apelo cultural do mundo branco e dos valores morais do ocidente não deixam de exercer um enorme fascínio. Temos como resultado, a criação de um universo poético, onde a utilização de farta simbologia, revela o dilaceramento do poeta entre os dois mundos de que se sente partícipe. (1992, p.64).

Na realidade, a consciência desse sujeito dilacerado entre os dois mundos é uma constante na obra do poeta. Um dos textos em que podemos estabelecer uma dialética entre o “Ser” negro e o “Ser” branco é o poema narrativo “O Disfarce”, encontrado na obra *O estranho*, publicada em 1984. O comparecimento nítido do homem negro se faz presente na composição, em que ecoam vozes paralelas arquitetando um dos textos mais bem construídos pelo autor:

[...] Vivia minha face! Gritei alta noite, quando já haviam falhado todos os raios do sol que eu esperava no inverno.  
E Deus desanimara de reunir os pedaços do meu nome, pois eu era só: NEGRO. E minha mãe me escondera entre as meninas claras dos seus olhos, pois eu era só: NEGRO. E ela, naquele tempo, não sabia...

Por isso sento-me à borda do mundo e fico a coçar meu casaco europeu,  
Meu odor bichado de estar por tanto tempo em velhos frascos.  
Eu me diviso à beira do mundo. E lambo o chão do ocidente e penso:



vou além?

Ninguém sabe que oscilo à beira do mundo. E, solitário, há muito vos contemplo... (*O estranho*, 1984)

A memória, o tempo, o espaço, a consciência do sujeito entre dois mundos, são o alicerce da estrutura do texto. Os advérbios ou adjuntos adverbiais de tempo e lugar, presentes em todo o poema, configuram a dor e a angústia, uma vez que, a partir da rememoração de uma vida assimilada e, portanto, "falsa", o eu poético deságua na consciência lancinante de sua existência dual. Semelhante em algumas passagens ao "Emparedado", de Cruz e Sousa, o texto aborda não somente a dupla consciência do sujeito empírico, em fase inicial de produção escrita, mas, especialmente, revela o dogmatismo ocidental, o qual põe, à margem, ainda hoje, tudo o que vai de encontro à "autenticidade" dos valores brancos. O poema de Oswald de Camargo, bem como o *Emparedado*, propalam uma consciência coletiva negra, na busca pela afirmação de uma identidade própria e valores libertários, que tenham, necessariamente, o intuito de reformar e efetivar a tradição africana, o que será facilmente observado em outros escritos em seguida analisados.

### **Afro-descendência nos versos de Oswald de Camargo**

Após o desenvolvimento de uma consciência, em grande medida, desvinculada das tradições ocidentais, Oswald de Camargo enveredou rumo ao compromisso com o movimento negro: passou a difundir as suas raízes afro e a espelhar-se na memória coletiva dos seus ancestrais. Esse processo pode ser ligeiramente percebido desde o início de sua produção, mas é possível observar uma transformação gradativa, a qual teve, como foco, engendrar uma poética vinculada à história e às tradições culturais transmitidas pelos africanos. O poeta, na verdade, passa por um processo de desassimilação, conforme pontuou Brookshaw, em que procura reconstruir a sua poética.

Observemos o poema "Em maio" com a tematização brilhante da, ainda hoje, ilusória Abolição da Escravatura:

#### **EM MAIO**

Já não há mais razão para chamar as lembranças  
e mostrá-las ao povo  
em maio.  
Em maio sopram ventos desatados  
por mãos de mando, turvam o sentido  
do que sonhamos.  
Em maio uma tal senhora Liberdade se alvoroça,  
e desce às praças das bocas entreabertas  
e começa:  
"Outrora, nas senzalas, os senhores..."  
Mas a Liberdade que desce à praça  
nos meados de maio,  
pedindo rumores,  
É uma senhora esquelética, seca, desvalida  
e nada sabe de nossa vida.  
A Liberdade que sei é uma menina sem jeito,  
vem montada no ombro dos moleques

e se esconde  
no peito, em fogo, dos que jamais irão  
à praça.  
Na praça estão os fracos, os velhos, os decadentes  
e seu grito: "bendita Liberdade!"

E ela sorri e se orgulha, de verdade,  
do muito que tem feito. (In: O Estado de S. Paulo, 25-1-1987, Cad. 2,  
p. 5.)

Sobretudo no mês de maio, conforme ideologia fixa no pensamento comum, ressoam vozes em louvor e profundo agradecimento a promulgação da Lei Áurea. O poema, na realidade, promove uma ruptura com essa visão embutida no cerne de nossa organização social. A democracia racial, tese tão propalada por Gilberto Freyre, sobretudo em *Casa grande e senzala*, transmite à sociedade brasileira o argumento de que a escravidão foi benéfica, uma vez que o encontro racial ocasionou à nossa gente um hibridismo étnico e sócio-cultural fortemente enriquecedor. Na obra *Decantando a República*, conforme o exposto pelo crítico Jessé Souza: "Freyre transforma o legado da escravidão em uma espécie de substancialização exótica mais digna de celebração do que de crítica e de conscientização reflexiva de seus efeitos perniciosos que continuam até nossos dias". (2004, p.43)

Não há como refutar a história do nosso país, assim como não se podem negar os açoites e achincalhes, pelos quais passaram os africanos e os afro-descendentes, em séculos de expansão e dominação portuguesa. Nos versos acima, há a quebra e o desmoronamento de um discurso hegemônico, pautado na concepção de um processo abolicionista e em um TREZE DE MAIO, os quais deram ao homem negro a "bendita liberdade": "uma senhora esquelética, seca e desvalida", como podemos observar na gradação dos versos acima. O povo brasileiro, ainda hoje, convive com o mito de uma democracia racial e o poema de Oswald de Camargo denuncia a charlatanice da história e do sistema político brasileiro, com sua ideologia paternalista endossada por muitos de nossos pensadores, visando, falsamente, à ordem e ao progresso do país. A negação de uma história da escravidão, sempre situada nos interesses da elite nacional, e a grande angústia do afro-descendente, são os fios condutores para composição do poema. Por meio de um olhar, densamente comprometido e interno, em que o próprio poeta se adentra, ecoam as vozes — dos fracos, dos velhos e dos decadentes — que perderam sua dignidade, por meio de um aparelho cruel e bárbaro de apropriação de seres humanos. Dessa forma, eles são transformados em mercadoria e força motriz de uma política grotesca e selvagem, que apregoava, e ainda hoje apregoa, com múltiplos disfarces, a desigualdade como algo natural e necessário.

No poema "Meu grito", o eu lírico, que é ao mesmo tempo a personificação do continente africano e o próprio negro, viaja por um rio convulso e chega até o seu leito, o rio Nilo, com um grito entranhado, mas que relata as dores da vindas Mãe-África:

### **Meu grito**

Meu grito é estertor de um rio convulso...  
Do Nilo, ah, do Nilo é o meu grito...  
E o que me dói é fruto das raízes,  
ai, cruas cicatrizes!,  
das bruscas florestas da terra africana!



Meu grito é um espasmo que me esmaga,  
há um punhal vibrando em mim, rasgando  
meu pobre coração que hesita  
entre erguer ou calar a voz aflita:  
Ó África! Ó África!

Meu grito é sem cor, é um grito seco,  
é verdadeiro e triste...  
Meu Deus, porque que é que existo sem mensagem,  
a não ser essa voz que me constrange,  
sem ecos, sem lineios, desabrida?  
Senhor! Jesus! Cristo!  
Por que é que grito?  
(*Quinze poemas negros*)

O poema acima é o espelhamento amargo das reminiscências coletivo-individuais, bem como o grito do próprio continente africano. As imagens associam a história dos negros à memória da escravidão. O poema, na realidade, dialoga com Castro Alves em seu “Navio Negreiro” e, principalmente, com “Vozes d’África”, no que tange à reconstrução da história da escravidão e dos afro-brasileiros. Nos dizeres de Florentina da Silva Souza, textos como “Meu grito” podem ser entendidos como “diálogos de correção”, pois tendem a recriar um discurso, por vezes, não tão consciente de sua origem. O poema de Oswaldo de Camargo é, sem qualquer dúvida, o horror contido em séculos de expansão e dominação ocidental, responsável pelo silêncio travado do Atlântico Negro.

O grito permanece vivo, atual e, maiormente ativo, fazendo ressoar os desmandos, o despotismo e a dominação política e cultural do mundo branco. Na realidade, a poética da negritude, assim percebida em parte da obra de Oswaldo de Camargo, faz uma releitura crítica do discurso hegemônico centrado, sobretudo, na extinção do trabalho escravo e sua implicação, genuinamente benéfica. Quando, no poema, ouvimos “meu grito é estertor de um rio convulso...”, “meu grito é um espasmo que me esmaga”, e, por fim, “meu grito é sem cor, é um grito seco/ é verdadeiro e triste...”, sentimos a mensagem pulsando forte, ainda que velada, posto que o Rio, metáfora maior do tempo e da memória, nos conduz ao mergulho no nosso passado, fazendo insurgir as dores e os golpes profundos arraigados na história do Brasil.

É necessário endossar um motivo importante: a poesia do escritor negro é brilhantemente arquitetada em todo o seu percurso, desde de uma primeira expressão, assim como em suas produções posteriores. A meu ver, o refúgio e o apego aos dogmas cristãos representam, em grande medida, a necessidade de buscar o alívio para as dores mais fundas da alma, provenientes das dominações moral, ideológica e, especialmente, cultural, do universalismo ocidental. Na verdade, ser anjo não é essencialmente ser branco, mas é exatamente a ruptura com a tradição: é a tentativa demasiada de ser anjo negro, anjo com raízes africanas, não negando a sua origem, mas endossando o obstáculo de o ser em uma sociedade ideologicamente branca, em sentido amplo. Como o observado em seus versos:

Ser anjo em verdade é coisa triste...

Pesa o corpo, Senhor, e cada nuvem  
É inimiga chovendo exaustão...

Tédio grosso pingando em minha testa,  
Por pensar que o céu é tão distante...

(*Um homem tenta ser anjo*, 1959, p.49-50)

Tais palavras revelam, na realidade, o desejo e o cansaço da vida em busca de si mesma, de uma tradição recusada, pois ainda que haja a vontade de romper com os preceitos de uma herança européia, o céu, simbólico elemento de encontro com a essência ou com a verdade inerente a cada ser, torna-se distante, mas possível de ser alcançado. Percebemos que o autor, em uma literatura declaradamente negra, solta-se das algemas que o atrelavam ao tradicionalismo e compõe, não de forma menos bela e intensa, um universo poético mais preso às suas raízes. Oswaldo de Camargo, no que tange aos seus versos, pode ser concebido enquanto sujeito ambíguo, já que revela essas duas faces conflituosas que estão no cerne de sua produção. No entanto, como podemos notar ao longo de toda exposição, esta consciência bipartida não diminui o encanto, a beleza, o grito e a subjetividade inerentes aos seus versos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BERND, Zilé. *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto alegre: AGE: IEL: IGEL, 1992.
- BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: editora mercado aberto, Tradução de Marta kirst, 1983.
- DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.
- CAMARGO, Oswaldo. *Um homem tenta ser anjo*. São Paulo: editora e gráfica supertipo Ltda, 1959.
- CAMARGO, Oswaldo. *15 poemas negros*. São Paulo: edição da associação cultural do negro, 1963.
- \_\_\_\_\_. *O estranho*. São Paulo: R. Kempf, 1984.
- \_\_\_\_\_. "Em maio". *O Estado de S. Paulo*, 25-1-1987, Cad. 2, p. 5.
- CARVALHO, José Jorge de. *Os melhores Poemas de amor da sabedoria religiosa*. Rio de Janeiro: editora Ediouro, 2º edição, 2001.
- CAVALCANTE, Berenice. EISENBERG, José. EISENBERG, Heloisa. *Decantando a república: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira*. V.3. Rio de Janeiro: editora Nova fronteira. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo.
- CHAUÍ, MARILENA. *Convite à filosofia*. São Paulo: editora Ática, 9º edição, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: editora Cultrix, 12º edição, 2004.
- SARTRE, Jean Paul. *O que é a literatura?* São Paulo, editora Ática, 2004.
- SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos negros e Jornal MNU*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005
- SOUZA, João da Cruz e. *Obra completa de Cruz e Souza*. Rio de Janeiro, editora Nova Aguilar, 1995.